

Escrever em crioulo: *un kaminhu lonji*

Dulce Pereira

Resumo. É importante não confundir escrita com transcrição gráfica nem com ortografia quando se pretende definir o modo de escrever uma língua de tradição oral, como o caboverdiano. A distância em relação ao contexto situacional e a sua existência como objecto observável fazem com que a escrita obedeça a um conjunto de princípios que incluem a explicitação, a coesão e a coerência e obrigam à economia e diversidade de meios linguísticos. O léxico é uma das áreas em que, feito o levantamento do acervo linguístico existente, é obrigatório inovar. A identificação dos processos de derivação e dos afixos mais produtivos (de que se dão exemplos) constitui, a par de outros recursos como o empréstimo, um instrumento fundamental para o enriquecimento do caboverdiano, sem se cair no excesso fácil de decalcar o modelo de escrita da língua de contacto.

Quando se fala de escrever em crioulo é muito vulgar a confusão entre representação gráfica e ortografia, por um lado, e entre ortografia e escrita, por outro. Todo o caboverdiano que tenha sido alfabetizado numa outra língua poderá transcrever a sua com um pequeno esforço de adaptação. Durante anos, e já desde o século XIX, houve em Cabo Verde tradição de escrita espontânea em crioulo. Ao mesmo tempo, particularmente após a independência, foram surgindo convenções de representação gráfica que permitiram, nomeadamente, a transcrição de documentos de tradição oral. Actualmente, existe mesmo uma ortografia definida por decreto,¹ ainda que em período experimental.

A grande diferença entre a ortografia e as outras formas de representação está na obrigatoriedade das suas convenções. O falante habituado a escrever

“à sua moda,” tendo como referente a língua de alfabetização (que, em Cabo Verde, é o português), sente-se em geral inseguro perante a ortografia imposta, sobretudo se não lhe forem proporcionados contextos formais de aprendizagem. Dessa insegurança resulta uma inibição que leva muitos caboverdianos alfabetizados a dizer que não sabem escrever crioulo, quando, na verdade, já frequentemente o fizeram, embora fora das normas ortográficas. No pólo oposto, estão aqueles que confundem ortografia com escrita e que, pelo simples facto de dominarem um alfabeto, julgam, apressadamente, que dominam também a escrita crioula.

Ora, como sabemos, entre a oralidade e a escrita vai uma grande distância.

A Distância

Uma das propriedades distintivas da linguagem humana actual (que a diferencia de estádios linguísticos filogeneticamente anteriores, provavelmente muito próximos em termos estruturais de um jargão e de um *pidgin*), é a sua independência do contexto: a capacidade de *distanciação* em relação ao aqui e agora, de referência a situações e objectos ausentes, hipotéticos ou mesmo fictícios.

Embora a escrita não seja uma faculdade biologicamente programada, mas antes uma forma facultativa e socialmente convencionalizada de representar a linguagem oral, tem um papel primordial no desenvolvimento dos mecanismos linguísticos de distanciação, ao mesmo tempo que produz mudanças de ordem cognitiva naqueles que a dominam.

A opção pela escrita surge, em geral, como meio de comunicar *in absentia*, o que obriga à explicitação de informações que não podem ser facultadas pelo contexto imediato. Contudo, não é tanto a necessidade de explicitação que afasta a escrita da oralidade, mas antes o grau de explicitação exigido.

Considere-se o seguinte exemplo :

Omi dja tchiga

O homem já chegou

Num contexto oral, *omi* refere-se, ou a um homem presente, ou a um homem conhecido do interlocutor. Num contexto de escrita, só a segunda hipótese é aceitável. No entanto, dado que não é possível controlar a receptividade do interlocutor, a tendência será para explicitar o que, na oralidade, fica pressuposto, identificando inequivocamente o homem em referência (*kel*

omi ki bu nkontra ku el na Praia, kel omi ki staba duenti...: port.: *o homem com quem te encontraste na Praia, aquele homem que estava doente*) e, eventualmente, o local de chegada (*Purtugal, kasa ...* port.: *a Portugal, a casa*). A mesma informação é assim codificada por intermédio de um número consideravelmente maior de unidades lexicais e de estruturas gramaticais, a que vem acrescentar-se o facto de a palavra ter de suprir a informação veiculada, na oralidade, pela prosódia (entoação, intensidade da voz...).

Por outro lado, como afirma William Foley (1997: 39), “the feature of reflexivity is generally claimed to be a crucial defining feature of language and to be unique to human language.” Ora, o carácter permanente da escrita torna-a, uma vez produzida, num objecto observável e criticável, pelo que a propriedade da metalinguagem é aqui activada de um modo muito especial, permitindo reflectir sobre as formas de codificação que garantem uma maior coincidência entre intenção de comunicação e interpretação e, ao mesmo tempo, estabelecer critérios de coesão e coerência textual e de ordem estética.

Um dos aspectos mais facilmente observáveis pelo escritor-leitor é o de que a explicitação se traduz em maior extensão textual e pode conduzir à redundância. Além da planificação, torna-se, pois, necessário desenvolver mecanismos que tornem o texto mais compacto e favoreçam, sem perda de clareza e de expressividade, a sua economia e fluidez.

O novo modo de comunicação verbal determina, deste modo, soluções adaptativas de carácter lexical, gramatical e textual.

Dissemos que entre oralidade e escrita ia uma grande distância. Noutra perspectiva, poderíamos afirmar o contrário, tal como Finnegan, R. (1988, 175)²:

“Orality” and “literacy” are not two separate and independent things; nor (to put it more concretely) are oral and written modes two mutually exclusive and opposed processes for representing and communicating information. On the contrary they take diverse forms in differing cultures and periods, are used differently in different social contexts, and, insofar as they can be distinguished at all as separate modes rather than a *continuum*,³ they mutually interact and affect each other, and the relations between them are problematic rather than self-evident.

Na verdade, a fronteira entre a oralidade e a escrita nem sempre é fácil de traçar: uma *storia storia*,⁴ mil vezes contada, embora sendo um texto oral, tem um grau de planificação, de explicitude e de coerência que a aproximam muito do texto escrito, tal como a mensagem breve escrita a um familiar

sobre um tema rotineiro do quotidiano pouco se afasta do discurso oral. No entanto, quando se procura criar condições de passagem à escrita de uma língua de tradição oral, como o crioulo de Cabo Verde, convém, por razões metodológicas, considerar os extremos (prototípicos) do *contínuo* de modo a poder responder à questão fundamental:

o que é que falta ao crioulo oral, do quotidiano, para poder ser escrito (e não meramente transcrito) de uma forma explícita e rigorosa, e ao mesmo tempo com fluência, economia, expressividade e diversidade estilística?

Cada um dos aspectos mencionados desdobra-se em múltiplas e complexas dimensões. A sua definição implica um trabalho metuculoso, aturado e cujo resultado deverá sempre ser sujeito ao reconhecimento social. Procuraremos abordar adiante apenas algumas dimensões de dois dos aspectos fundamentais: a economia (através da condensação) e a diversidade.

Não focaremos aqui a questão da ortografia, embora valha a pena referir que uma ortografia não é só um conjunto de grafemas e diacríticos para representar os sons da língua. Uma ortografia implica decisões de normalização, nomeadamente quanto à forma das palavras (os seus limites e a variante fónica adoptada como referente). Se há palavras que são “óbvias” como *nunka* (port.: *nunca*) ou *da* (port.: *dar*), outras são problemáticas. É o caso de *unbes* (*un bes?*). *Un bes* pode significar *uma vez* tratando-se, neste caso, indubitavelmente, de duas palavras (o artigo indefinido *un* e o substantivo *bes*). Mas a mesma expressão fónica pode ganhar um valor adverbial, significando, neste caso, *antigamente*. Será, então, mais correctamente grafada como uma palavra só. O mesmo poderíamos dizer da expressão interrogativa *kuzé?* que aparece frequentemente grafada como *kuz'ê?* (*de kuza é, port.: o que é?*). E como escrever a palavra que significa *casa*, dado que existem duas variantes: *kasa* e *kaza?*

Uma vez tomadas as decisões de ordem gráfica, que implicam, não só a escolha de variantes fonéticas, mas também a análise e classificação gramatical das expressões linguísticas, para responder à questão acima formulada, relativamente à criação de condições para uma escrita plena do crioulo, é então necessário comparar os recursos existentes com os que se supõe serem necessários para a referida escrita.

Caminho pertu

Numa comunidade como a caboverdiana, em que o crioulo está em contacto com uma língua com largos séculos de tradição escrita (o português) que foi

sempre a língua oficial e de alfabetização dos caboverdianos, é natural que haja uma tendência para tornar o *kaminhu* menos *lonji* e fazer uma transposição directa das estruturas sintácticas e do léxico (nomeadamente o de ligação textual) mais usado na escrita em português para a escrita em crioulo.

Veja-se o seguinte excerto da *Prizentason* da obra de Tomé Varela da Silva, *Na Bóka Noti* (1987: 9,10)⁵:

Voltandu a (d) *stórias d'es libru* (a), *k'e tirseru di kuleson* "Tradisons Oral di Kauberdi," *nu kre avansa ses distribuson* (d) *k'e fetu di siginti manera* (d): [...]. *E posivi ki, na rakódjas inda pa fase, otus siklu ben raveladu* (c). *Si sin* (d), *disertéza nu ta konkordadu ku el m'e mas rikéza di nos kultura oral ki ta ividensiadu*.

Na ordenason di stórias (a), *kirtéri ki nortia-nu* (b) e di koloka djuntu o pértu kes semelhanti. *Di li ki* (d) *nu organiza-s* (b) en kapitú y, dentu di kada kapitú, di akordu ku grau di semelhansa.

Seguindo de muito perto o texto crioulo, obtemos, como tradução:

Voltando às (d) *estórias deste livro* (a), que é o terceiro da colecção "Tradições Oraís de Cabo Verde," *queremos adiantar já a sua distribuição* (d), que é feita *da seguinte maneira* (d): [...]. *É possível que, nas recolhas ainda por fazer, outros ciclos venham a ser revelados* (c). *Se sim* (d), por certo se concordará que é mais uma riqueza da nossa cultura oral a ser evidenciada.

Na ordenação das estórias (a), o *critério que nos norteou* (b) foi o de colocar junto ou perto as semelhantes. *Daí que* (d) *as tenhamos organizado* (b) em capítulos, de acordo com o grau de semelhança.

É fácil verificar aqui, à semelhança do que acontece com muitos textos em prosa de outros autores, que existe uma colagem entre a estrutura textual portuguesa e a crioula. O próprio léxico, em grande parte, só se diferencia pela forma fónica que a grafia deixa adivinhar (*kapitú, siklu, kuleson, distribuson, ividensiadu*). Sabemos, neste caso, que o fenómeno não decorre do processo de tradução em si, mas antes da projecção que o autor faz dos seus hábitos de escrita em português sobre a construção textual em crioulo, tal como o evidenciam as expressões sublinhadas, em que as assinaladas com (a), dizem respeito a referências ao próprio texto e à sua produção, com (b), a situações ou opções de planificação anteriores ao texto e com (c), a situações a ele subsequentes. O mesmo acontece com as expressões marcadas com (d),

que fazem a ligação intratextual remetendo para pontos anteriores (*voltandu a...*), ou posteriores (*di siginti manera...*), reforçando conexões ou estabelecendo dependências lógicas (*Si sin, di li ki...*).

Poderemos considerar que a projecção da língua portuguesa, pelo menos em alguns aspectos, não foi automática e que o autor procurou recursos lexicais e de condensação textual que, aparentemente, não encontrou na sua língua. Tratar-se-ia então de uma questão de necessidade e não de mera facilidade. Na verdade, é frequente a importação, por razões funcionais e culturais, i.e., para resolver necessidades de nomeação de realidades novas (objectos e conceitos), de um léxico referencial não básico. Já nos seus *Apointamentos para a Gramática do Crioulo* que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde (elaborada em 1885 e publicada em 1887), A. de Paula Brito introduzia termos como *gramátika, silba, letra sijelu, letra dobradu, bogal, kōsuāti, gudu, subistātibu, dijetibu*, fenómeno que Adolfo Coelho explicava, no prefácio, deste modo:

Quis o senhor A. de Paula Brito redigir a sua gramática em crioulo, o que levou necessariamente a forjar diversos termos gramaticais, sem dúvida guiando-se pelas tendências de adaptação crioula, mas os quais o leitor facilmente distinguirá do que é verdadeiramente popular-crioulo.

Resta apurar “o que é verdadeiramente popular-crioulo” e, acima de tudo, quais os recursos disponíveis. Numa língua de tradição oral, como a crioula, a passagem à escrita revela sempre vazios lexicais que é necessário colmatar recorrendo, não apenas à língua de contacto, mas, sempre que possível, a processos internos à própria língua. Isto, se se considerar que a identidade e autonomia do crioulo merecem ser preservadas em algo mais que a aparência fónica.⁶

Recursos Lexicais: Diversidade e Economia

Analisemos mais de perto alguns aspectos lexicais, uma vez que o léxico (tanto referencial como gramatical) pode ser fonte da diversidade e da economia que nos propusemos tratar.

A diversidade lexical tem duas vertentes fundamentais: a sinonímia (diferentes formas de dizer *quase* o mesmo) e a extensão ou “riqueza” (quantidade de vocábulos para o mesmo campo semântico e quantidade de campos semânticos contemplados). Por outro lado, o léxico contribui para a economia no processamento verbal, uma vez que pode traduzir expressões perifrá-

ticas numa só unidade, ao mesmo tempo que, favorecendo a sintatização (através da ligação e do encaixe de orações), permite o apagamento de informações redundantes. É o caso da palavra crioula *bador/badera* que concentra numa unidade a informação que, em português, só uma longa expressão consegue transmitir: “aquele ou aquela que tem por hábito ir.”⁷

Como em todas as línguas, o crioulo caboverdiano actual tem já no seu léxico inúmeros sinónimos. Eis alguns exemplos, retirados ao acaso dos dicionários de Quint-Abrial (1998) e de Napoleão Fernandes (1990):

Andador, andexu, bágu, vunga-vunga (port.: *viajante, vagabundo, nómada*); *kati-kati, frutxi-frutxi*: (port.: *fadiga, afadigar-se*); *marlita, frunku, spinhu*: (port.: *furúnculo*); *txanbu, nhakri*: (port.: *provinciano, campónio, pacóvio*).

Também os encontramos no léxico gramatical, embora em menor número:

Kantu,sima (port.: *quando*); *pabia, pakê* (port.: *porquê*); *pamodi, purke* (port.: *porque*); *sikre, sime ki* (port.: *mesmo que*).

Uma das tendências do ser humano, na sua reflexão sobre o objecto escrito, é rejeitar a repetição excessiva ou demasiado próxima de uma mesma estrutura ou palavra (excepto quando a repetição é voluntariamente adoptada como processo retórico). A sinonímia, para além da possibilidade de codificar diferenças conotativas com valor estilístico, permite resolver esse princípio de não repetição. Um falante português tem à sua disposição, para a coordenação adversativa, os conectores *mas, porém, todavia, contudo* que poderá alternar ao longo do texto. Também na língua crioula se poderá, nas orações causais, alternar entre *pamodi* e *purke*. No entanto, nem todos os falantes dominam as diferentes variantes. Por exemplo, a forma crioula *purke* é mais antiga e normalmente pouco utilizada por falantes alfabetizados das zonas urbanas. Para garantir a diversidade, urge, pois, recuperar todas as formas ainda disponíveis na língua e consagrá-las, através da sua inclusão, descrição e classificação em léxicos e gramáticas oficiais e também através do ensino. Talvez deste modo se torne menos necessário o recurso intempestivo a formas decalcadas do português, do tipo *pur kauza di, purisu ki...* O mesmo poderíamos dizer para todos os subsistemas gramaticais, sendo o levantamento das formas crioulas existentes, neste caso, tarefa relativamente fácil, dado que o léxico gramatical, ao contrário do referencial, é um conjunto fechado.

Uma outra área a explorar é a do léxico de ligação textual que estabelece relações entre partes do texto (e não meramente entre orações) como os períodos e os parágrafos. O facto de o texto escrito ser um objecto analisável e reformulável permite, como vimos, melhorar o seu *tecido*, recorrendo a expressões de conexão. A língua portuguesa é rica em elementos deste tipo.⁸ Em contrapartida, em crioulo de Cabo Verde, mesmo nos contos tradicionais (*storia storia*) que, como dissémos, são talvez as formas de discurso oral que mais se aproximam, no contínuo, do discurso escrito (apesar de, em grande parte, assumirem a forma de discurso directo e de diálogo), poucas são as expressões de ligação textual que encontramos. Por exemplo, numa das estórias transcritas em *Na Bóka Noti* (estória 38: 168-171), só pudémos encontrar quatro dessas expressões (*di maneras, agoralagolgo, dipos, anton*; port.: *de maneira que, oralagora, depois, então*). Embora se imponha um levantamento exaustivo prévio, é de esperar que seja necessário inovar nesta área lexical.

A passagem à escrita de uma língua oral obriga também ao alargamento do léxico referencial pois, como vimos, quando escrevemos, a distância em relação ao contexto, a necessidade de explicitação, o desejo de garantir a coincidência entre a intenção comunicativa e a interpretação do leitor, a ocorrência de temas novos e o desejo de diversidade e de não repetição determinam a procura de palavras “certas” que transmitam com precisão os conceitos a veicular.

Possuirá o crioulo léxico referencial para todas estas exigências? Também aqui se impõe, tal como propõe M. C. Hazaël-Massieux (1993), um inventário e uma análise lexical, do ponto de vista das famílias de palavras, das áreas vocabulares e dos campos semânticos.

Comparemos, em dois dicionários, um português e outro crioulo, o conjunto de entradas que constituem parte da família da palavra “escrever” e da palavra “skrebe”:

Português⁹: *Escrevedor, escrevedura, escrevente, escrever, escrevinhador, escrevinhadura, escrevinhar, escriba, escribomania, escrínio, escrita, escrito, escritor, escritório, escritura, escrituração, escriturar, escriturário, escritvã, escrivania, escrivaninha, escrivão.*

Crioulo¹⁰: *skrebi, skritura.*

Transcrevemos, no português, apenas as palavras derivadas por sufixação, a que poderíamos acrescentar outras, derivadas por prefixação, como *inscrever, reescrever, transcrever*, etc... Embora possam existir, tanto em crioulo como

em português, outras palavras não registadas nos dicionários escolhidos,¹¹ e apesar de nem todas as palavras portuguesas referidas serem usadas com a mesma frequência (das 2217 palavras listadas, no *Português Fundamental*, como mais frequentes, só três se referem à escrita—*escrever, escritor e escritório*), ainda assim é óbvia a desproporção entre o léxico disponível nas duas línguas, neste domínio: a vinte e duas palavras portuguesas correspondem apenas duas crioulas, nas listas citadas.

Tudo leva a crer que o hábito de escrever em crioulo venha a desencadear a necessidade de reflectir sobre a escrita e os vários escritos, bem como de nomear os tipos de pessoas que escrevem, os meios utilizados para o fazer e as profissões que lhe estão associadas. Muitos dos conceitos veiculados pelas palavras portuguesas e que não têm ainda correspondente lexical em crioulo poderão ser expressos, de imediato, através de perífrases: “Escritor”: *Kel ki ta skrebe libru* (“Aquele que escreve livros”),

“Escrevinhador: *Kel ki ta skrebe kusas kabali, kel ki ta riska papel manenti* (“Aquele que escreve coisas sem valor, aquele que está sempre a rabiscar”), “Escrivaninha”: *Mesa undi ki ta skrebedu* (“Mesa em que se escreve”), mas este processo leva a uma dispersão sintagmática que, não acrescentando rigor nem capacidade de explicitação, desfavorece a economia e a velocidade de processamento (tanto do ponto de vista de quem escreve como de quem lê). Este será, pois, provavelmente, um campo semântico onde surgirão inúmeras palavras novas.

Inovação

Quando as palavras faltam, a solução pode ser, além da perífrase, o empréstimo ou o recurso a processos internos de criação de palavras (extensão semântica, abreviação, acronímia, composição, conversão, derivação). O empréstimo é um processo rápido de integração e adaptação, mas os empréstimos em massa (que começam geralmente pelo léxico, podendo afectar posteriormente a sintaxe) têm o perigo de conduzir a uma assimilação à língua fonte, em particular se houver substituição lexical e não mero acrescento.

Os processos internos, quando possível, são a solução mais aceitável, pois, além de respeitarem as regras da língua, tendem a preservar uma maior transparência de relações morfológicas e semânticas entre as várias unidades da mesma família de palavras.¹² Repare-se nas duas palavras crioulas *skrebe* e *skritura*. A palavra *skritura* foi importada directamente do português, para designar as escrituras sagradas. Dado que o verbo *skrebe* não tem flexões, não existindo, nomeadamente, nenhuma forma correspondente ao participio pas-

sado português *escrito* (de que deriva *escritura*), a palavra *skritura* mantém com *skrebe* uma relação mais opaca do que a que liga, em português, *escrever* e *escritura*.

Para manter a transparência, em crioulo, a derivação de palavras a partir da forma verbal deverá manter a raiz do verbo e justapor-lhe os afixos (sufixos e prefixos) crioulos. Por exemplo, para criar uma palavra que expresse o mesmo que, em português, “escritor,” o crioulo tem a possibilidade de

a) importar o termo directamente do português, adaptando-o fonologicamente: *skritor*¹³;

b) acrescentar o sufixo crioulo —(*d*) or à raiz do verbo: *skrebedor* (sendo esta a solução mais transparente)¹⁴.

Uma terceira possibilidade é a de criar as duas palavras, deixando que o uso determine a escolha ou as mantenha como sinónimos, especializando os significados ou os contextos de aplicação.

Se não se quiser depender em absoluto do recurso ao empréstimo, é imprescindível proceder a um inventário dos afixos crioulos (para além dos processos de formação de palavras privilegiados pelo caboverdiano) ponderando o seu grau de produtividade, de modo a que se possa, mais uma vez, nos processos de importação e de derivação, seleccionar entre afixos “mais crioulos” ou “menos crioulos.” Apesar de os prefixos serem em número muito reduzido, o crioulo de Cabo Verde conta com uma lista razoável de sufixos que, embora derivados do português, estão sujeitos a regras morfológicas próprias e, em muitos casos, bastante diferenciadas das suas correspondentes na língua-fonte.¹⁵ Basta folhear ao acaso os dicionários existentes, para nos depararmos com famílias de palavras relativamente extensas. É o caso de:

Dodu (Adj, V), *doda* (V), *dodisa* (N), *dodesa* (N), *dodisada* (N) (port., respectivamente: *doidoficar* *doido* por; *endoidecer*, *endoidecer de alegria*; *doidice*; *doideira*; *actos de doidice*); *badiu* (N e Adj), *badia* (V), *badiaji* (N), *badiason* (N) (port., respectivamente: “*badio*”*natural de Santiago*, *vadio*; *vadiar*; *vadiagem*; *vadiagem*); *bedju* (Adj e N), *bedja* (V), *bedjisa* (N), *bedjosku* (N), *bedjuska* (Adj), *bedjusku* (N), *bedjusa* (N) (port., respectivamente: *velho*; *envelhecer*; *velhice*; *aquele que é velho*; *avelhentado*, *velhote*, *velharia*); *fastiu* (N), *fastia* (V), *fastios* (Adj), *fastentu* (Adj), *fastenta* (V), *fastentura* (N) (port.: *fastio*, *enfasiar*, *maçador*, *enfadonho*, *aborrecer*, *maçada*).

Surge, no entanto, um problema. Dado que os afixos que encontramos em crioulo derivam do português (que é simultaneamente a língua base e a

língua fonte privilegiada do caboverdiano) e têm nele correspondentes directos (*-eiro, -ice, -(d)or, re-* etc...),

poderemos considerar a hipótese de terem sido importados em bloco com as palavras de que são constituintes e não serem unidades morfológicas autónomas e produtivas, em crioulo. Há casos que não suscitam dúvidas quanto a essa importação em bloco, tal como *malfetu* (port.: *feitiço*; de “malfeito”), *pazigua* (port.: *apaziguar*) ou *pintor* (port.: *pintor*). Pelo contrário, noutras palavras como *mosindadi, korida, lenbransa, fixadura* (port., respectivamente: *mocidade, corrida, lembrança, fechadura*) é difícil determinar se estamos perante expressões importadas, como um todo, do português (pois têm nesta língua correspondentes directos) ou criadas já no crioulo, uma vez que coexistem com as palavras crioulas de que poderiam ter derivado: *mos, kore, lenbra, fixa*.

Para garantir a real produtividade de um afixo no sistema crioulo é fundamental, pois, registar as ocorrências desse afixo em palavras sem correspondente em português. Assim, palavras como *bador/badera* (*ba + dor/dera*) (port.: *aquele ou aquela que costuma ir*) e *bendor/bendera* (*ben + dor/dera*) (port.: *aquele ou aquela que costuma vir*) são bons exemplos da autonomia dos sufixos crioulos (*(d)or / (d)era*). O próprio facto de não existirem, em português, as configurações *ir + (d)or / (d)era* e *vir + (d)or / (d)era*, afasta a hipótese de se tratar de um decalque desta língua. O mesmo se pode afirmar de *-ozu* em *artiozu* (port.: *com jeito para artista*), de *-(d)ura* em *baradura* (port.: *disposição que se se dá às canas para fazer os tectos das palhotas*) ou de *—a em stanga* (port.: *indignar-se com*).

Este procedimento põe à disposição de todos aqueles que se preocupam com a escrita e com a oficialização da língua um instrumento gramatical por que poderão optar em alternativa ao mero empréstimo ou como forma de complementar. Na certeza, porém, de que a necessidade faz o engenho, mesmo à revelia da vontade dos decisores. Uma vez que os falantes tenham condições sociais de se expressar através da escrita em crioulo, de uma forma continuada e em diferentes contextos, entram em jogo duas forças interactivas: a força reguladora dos modelos e a da criação espontânea, ambas sujeitas ao dinamismo das tensões sociais e à consagração do uso.

Tal como da oralidade à escrita, também da decisão à aceitação vai um *kaminhu lonji*, pelo que é bom não perder tempo, para dar tempo ao tempo.

Notas

¹ Cf. decreto-lei 67/98 que define as bases do alfabeto unificado para a escrita do crioulo caboverdiano.

² Cit. por Foley, 1997, 425.

³ Sublinhado nosso.

⁴ Estória tradicional caboverdiana, contada oralmente.

⁵ Grafia adaptada.

⁶ Basta analisar o texto de T. Varela, para verificarmos que B. Lopes estava demasiado otimista quando afirmava, no seu prefácio à *Aventura Crioula*, de Manuel Ferreira (1965: 22): “(...) o crioulo tem a favor o seu profundo instinto de nobilitação, que considero a sua força mais útil e progressiva ao mesmo tempo que revela a alta sabedoria com que o dialecto se defende na concorrência idiomática: aproveitando tudo o que pode receber do português reinol, para seu aperfeiçoamento, mas não cedendo um milímetro nas suas estruturas essenciais (...)”

⁷ V. *badera di missa*, “que costuma ir à missa” (em Napoleão Fernandes, 1990).

⁸ Vejam-se expressões como *paralelamente, entretanto, posto isto, então, pois, ora, deste modo, pelo que, de acordo com, na verdade, nomeadamente, a saber, em conclusão, chegados a este ponto...*

⁹ Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* (6ª edição) da Porto Editora.

¹⁰ Em Quint-Abrial, 1998a.

¹¹ Napoleão Fernandes regista ainda *escrêbêdo* (escrito), *escritor* (escritório) e *escrivon* (escrivão), como referiremos adiante. João Pires e J. Hutchison (1983) registam além de *skrebe* e *skrebedu*, *skritoriu* (escritório) e *skritura* (escritura; escrita).

¹² Como afirma Abrial (1998:438), “Os falantes do *badio* (crioulo santiaguense) (...) produzem muito mais activamente que os lusófonos e os francófonos palavras novas por derivação ou composição a partir de unidades lexicais já existentes em crioulo” (em francês no original). E dá alguns exemplos (439-440): “As pessoas que não têm família são **sem-pra-kenha** ... lit. “sem alguém para quem (com quem possam contar)”; **konta-tchuba** (“conta a chuva”: pluviómetro); **sem-sabedu** (“sem se saber”: secreto, em referência ao voto); **silera-bai** (“acelera-vai”: pequenos motociclos de duas rodas).

¹³ A palavra *scritor* (grafada *escritor*) aparece em Napoleão Fernandes com o significado de *escritório*, numa variante de Barlavento.

¹⁴ À semelhança do que acontece com a forma *skrebedu* (grafada *scrêbêdo*), que encontramos também em Napoleão Fernandes com o significado de *escrito*.

¹⁵ Eis alguns dos afixos que ocorrem mais frequentemente em Caboverdiano:

a. para a formação de nomes:

N > N

-ada: *barapó* > *barapuada* (port.: *varapau*, *paulada*) *batuku* > *batukada* (port.: *batuque*, *batucada*);

-erul-era: *barba* > *barberu* (port.: *barba*, *barbeiro*); *batata* > *batatera* (port.: *batata*, *batatal*);

-ria: *barba* > *barbaria* (port.: *barba*, *barbearia*);

-ura: *frida* > *friduna* (port.: *ferida*; *ferimento pequeno*, *acto de ferir*);

Adj > N

-esal-eza: *bunitu* > *buniteza* (port.: *bonito*, *boniteza*); *buru* > *bureza* (port.: *burro*, *burrice*); *runhu* > *runhesa* (port.: *ruim*, *ruindade*);

-idadi: *nobu* > *nobidadi* (port.: *novo*, *novidade*);

-indadi: rabes> rabesindadi (port.: torto; maldade, carácter torcido);

-isa: bedju> bedjisa (port.: velho, velhice); gaiatu > gaiatisa (port.: brincalhão; brincadeira, graça);

-osku: feiu> feiosku (port.: feio, aquele que é feio);

-ura: sabe> sabura (port.: agradável, saboroso; bem-estar);

V > N

-ansa: konsola > konsolansa (port.: consolar, consolo);

-(d)or/(d)era: badja> badjador/era (port.: bailar, bailador/bailadeira); bare > baredor (port.: varrer, varredor);

-(d)ura: bare> baredura (port.: varrer, varridela); bua> buadura (port.: voar, pequeno voo);

-son: kiria> kiriason (port.: criar, criação); prendi> prendison (port.: aprender, aprendizagem).

b. para a formação de adjectivos:

V > Adj

-du: buza> buzadu (port.: abusar; abusador, atrevido); kunfia > kunfiadu (port.: confiar; convencido, confiante);

-entu: rabolta> rabolentu (port.: revoltar, turbulento); fastia> fastentu (port.: fartar-se, enfadonho);

ka-: bale > kabale (port.: valer, sem valor);

-nti: rabida > rabidanti (port.: revirar, voltar; revendedor);

N > Adj

-entu: barudju> barudjentu (port.: barulho, barulhento); gera> gerentu (port.: bulha, bulhento); friu> frientu (port.: frio, friorento).

-erul-ena: batota> batoteru (port.: batota, batoteiro); bolta>boltera (port.: volta, governo da casa; que sabe dar voltas, que sabe fazer a lida da casa, diligente);

-os/ozu: skerda> skerdos (port.: esquerda; esquerdino, canhoto); arti> artiozu (port.: arte; artista, habilidoso);

-udu: stangu>stangudu (port.: estômago; que tem maus fígados, irritadiço); forsa>fòrsudu (port.: força, muito forte); boka> bokudu (port.: boca, inconfidente).

c. para a formação de verbos:

V > V

dis-:prinda> disprinda (port.: pendurar, despendurar); kume > diskume (port.: comer, ruminar); konche> diskonche (port.: conhecer; não reconhecer, esquecer);

ra- monda> ramonda (port.: mondar, mondar segunda vez); bende> rabende (port.: vender, revender);

N > V

-a: batuku> batuka (port.: batuque, batucar); risku > riska (port.: risco, riscar); sukuru > sukura (port.: escuridão, escurecer); musturu > mustura (port.: mistura, misturar);

-ia: skerda>, skerdia (port.: erquerda; desviar da direcção, tomar outro caminho); festa> festia (port.: festa, festejar); fundu> fundia (port.: fundo, afundar-se);

Um outro processo de criação de verbos a partir de substantivos, muito produtivo em crioulo, consiste na elevação da vogal tónica: fòrsa, forsa (port.: força, forçar); géna, gena (port.: guerra, guerrear); kóba, koba (port.: cova, cavar).

Adj > V

-a: *bedju* > *bedja* (port.: *velho, envelhecer*); *margos* > *margosa* (port.: *amargo, amargar*); *fastentu* > *fastenta* (port.: *enfadonho, enfastiar*);

-isi: *magru* > *magrisi* (port.: *magro, emagrecer*); *riku* > *rikisi* (port.: *rico, enriquecer*).

Obras Citadas

- Brito, A. de Paula. "Dialectos Crioulos Portugueses. Apontamentos para a Gramática que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde." *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 7ª série 10 (1887): 611-669.
- Duarte, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia?: As Relações de Força Entre o Crioulo e o Português na Sociedade Cabo Verdiana*. Praia: Spleen-Edições, 1998.
- Finnegan, Ruth. *Literacy and Orality: Studies in the Technology of Communication*. Oxford: Blackwell, 1988.
- Foley, William. *Anthropological Linguistics — An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1997.
- Hazaël-Massieux, Marie-Christine. *Écrire en Créole. Oralité et Écriture aux Antilles*. Paris: L'Harmattan, 1993.
- Lang, Jürgen. *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2002.
- Massa, Françoise, e Jean-Michel Massa. *Dictionnaire Encyclopedique et Bilingue, Cap-Vert- Cabo Verde*. Rennes: Univ. De Haute Bretagne, 2001.
- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues. *O Dialecto Crioulo - Léxico do Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*. São Vicente: Gráfica do Mindelo, 1990.
- Pereira, Dulce. "Odju ka ten Pastor ma é midjor si bu prende odja." *Actas do Forum sobre Alfabetização Bilingue*. Praia: DGEEX, Ministério da Educação, 1989a.
- . "Crioulo de Cabo Verde: Proposta de Grafia." *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (2. Dez. de 1989): 41-48, 1989b.
- . "Fala Crioulo Papia Português." *Rev. Cultura, nº especial de comemoração dos 25 anos de Independência*. Praia: Ministério da Cultura de Cabo Verde, 2000.
- Pires, Joo e John Hutchison. *Disionariu Preliminariu Kriolu*. Boston: Funkul ño Lobu, 1983.
- Quint-Abrial, Nicholas. *Dicionário Caboverdiano-Português. Variante de Santiago*. Lisboa: Verbalis, 1998a.
- . *Le Créole de l'Île de Santiago (République du Cap Vert)*. Diss. Universidade de Paris III, 1998b.
- Silva, Tomé V. da. *Na Bóka Noti*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1987.
- . *Português Fundamental – Vocabulário e Gramática*. Tomo 1. Lisboa: INIC e CLUL, 1984.
- Thomason, Sarah Grey e Terrence Kaufman. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1988.
- Veiga, Manuel. *Le Créole du Cap-Vert – Étude grammaticale descriptive et contrastive*. Paris: Karthala; Praia: IPC, 2000.

Dulce Pereira é linguista docente do Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) desde 1976, onde lecciona, actualmente, as disciplinas de Crioulos de Base Portuguesa, Sociologia da Linguagem e Linguagem e Comunicação. É membro fundador do Centro de Estudos Africanos da FLUL e da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Tem-se dedicado, desde 1980, à investigação das línguas crioulas de base portuguesa, em particular do caboverdiano (aspectos gramaticais e lexicais e efeitos sociolinguísticos do contacto com a língua portuguesa, tanto em Cabo Verde como em Portugal). Foi consultora do primeiro Projecto Experimental de Alfabetização Bilingue de adultos, em Cabo Verde, no âmbito do qual elaborou uma proposta de grafia e vários estudos de índole gramatical e lexical sobre o crioulo.